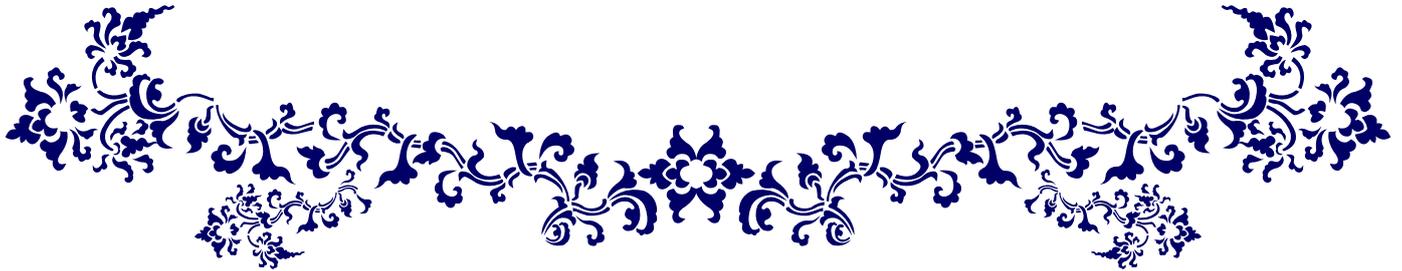




DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Dezembro de 2012, nº 160



DEUSAS TECELÃS

 Mirella Faur

*Lindo trabalho esse de mulheres fiadeiras,
mulheres aranhas,
que com suas mãos,
tecem mantos de luz
para proteger o mundo mágico da criação.
Mulheres em ação,
sem manhas, nem tramas e artimanhas
apenas tecelãs sábias,
dos tempos de todas as luas,
minguantes, novas,
crescentes de luz e poder
e finalmente plenas,
cheias de encanto e amor.*

Eliane Dornellas para Teia de Thea

A Grande Mãe rege o tempo cíclico, a alternância dia-noite, a mudança das estações, os ciclos lunares, a menstruação e a gravidez das mulheres. O mistério primordial do ato de tecer e fiar também lhe pertence - desde os primórdios do universo feminino - por ser A Senhora do Tempo, e consequentemente, do Destino. Como *Deusa Fiadeira* ou Deusa triplíce lunar, Ela fia e tece não só a vida humana, mas também o destino do mundo, transformando o caos informe em realidade estruturada. Como *Deusa Tecelã*, Ela cria os fios que formam a estrutura do universo, fios estes que, ao se organizarem e reorganizarem continuamente formam todos os elementos que compõem o mundo múltiplo, variado e diverso.

Fiar é uma das atividades

humanas mais antigas, cujas origens se perdem na pré-história. Como uma atividade caseira desempenhada pelas mulheres, desde a antiguidade até a revolução industrial, o processo de fiar e tecer tornou-se um símbolo poderoso da criação de uma nova ordem a partir do caos, definindo assim o destino humano. A magia que

transmuta lã, seda, linho, algodão ou outro material vegetal em fios e com ele tece panos para os mais variados usos, permitiu aos nossos ancestrais sobreviverem nas regiões frias e quentes do planeta. E esta magia era realizada sempre pelas mãos das mulheres, sob a inspiração da Deusa. Nas comunidades Kajaba da Colômbia, a condição para ser mulher é saber fiar e tecer, um ofício cujos segredos são transmitidos às jovens moças, quando na sua puberdade ficavam reclusas na "tenda vermelha". No mito da criação



desta nação descreve-se como a Mãe Universal fincou seu imenso fuso verticalmente na terra recém-criada e dele se desprendeu um fio de algodão, com qual traçou um círculo, delimitando assim a terra de seus filhos.

Desde os primórdios da civilização, podemos encontrar nas cestas e esteiras, trançados com fibras de folhas e cipós, as primeiras formas de tecelagem, talvez inspirados nas teias de aranhas e nos ninhos dos pássaros. As atividades femininas de tecelagem, fiação e bordado sempre eram acompanhadas pela expressão espontânea de desejos, fantasias e lembranças, de partilha de tradições e memórias, de brincadeiras, risos e lamentos. Em muitas sociedades, fiar e tecer formava um espaço de encontro de experiências, solidariedade e cumplicidade, de cantos e narrativas. Nos momentos importantes da vida feminina, como o casamento e a gravidez, o enxoval bordado e tricotado pela família e amigas, se constituiu num verdadeiro rito de passagem, evocando a imagem das Deusas Tecelãs, Senhoras do Destino, presentes em diferentes culturas.

Tecer significa ativar e misturar nossas experiências de vida para produzir um padrão individual, único e inimitável, que diferencia cada indivíduo entre todos os seres no cosmos. Quando permitimos que uma nova experiência se integre no nosso viver, quando não tememos as transformações decorrentes, estamos tornando nosso padrão pessoal mais complexo e, com isto, enriquecendo o padrão coletivo. Tornamo-nos cocriadoras da Grande Teia, participando na criação do nosso destino individual, grupal e coletivo.

Em muitos mitos antigos a criação do universo resultava de atividades manuais, como modelar a argila, talhar a madeira, arar ou tecer. A tecelagem aparece com um símbolo recorrente da criação, tanto do universo, como da vida humana. O próprio Cosmos, segundo o historiador e escritor Mircea Eliade, é concebido como uma tessitura, uma enorme teia, a criação do mundo através dessa atividade sendo atribuída a uma Deusa, que se tornava assim a Senhora do Destino.

Deusas Tecelãs



Na Grécia, as Tecelãs do Destino eram as Moiras, filhas da deusa primordial Noite (Nix, nascida do Caos) ou em outra versão, consideradas filhas de Zeus e Têmis. Originariamente as Moiras eram consideradas forças primordiais, impessoais e inflexíveis, representando a lei, que nem mesmo os deuses podiam transgredir sem colocar em perigo a ordem universal. Com o

passar do tempo, foram descritas como uma tríade, personificando o destino individual: Cloto (a que fia) segurava o fuso e puxava o fio da vida; Láquesis (a que tira a sorte) enrolava o fio e sorteava o nome de quem ia morrer; Átropos (a inflexível) cortava o fio da vida. Em Roma, as Parcas eram deusas fiandeiras equivalentes das Moiras, que presidiam ao nascimento, casamento e morte e seus nomes eram Nona, Décima e Morta. O número de três, nove ou mais raramente, doze, é associado a etapas temporais, como começo-meio-fim, passado-presente-futuro, nascimento-vida-morte.

A mais conhecida tecelã é a deusa grega Athena, patrona de todas as artes e ofícios, regendo um amplo espectro da existência humana. Às mulheres ela confere a compreensão do valor e da importância dos poderes criativos para tecer o sagrado em todos os atos cotidianos. Da sua origem anterior - pré-helênica - ela guarda a sabedoria aquática e intuitiva de sua mãe Métis, uma Oceânide. Assim, ela é sintonizada com os sutis processos de transformação que ocorrem continuamente na vida das pessoas, sendo muito receptiva aos sentimentos pessoais, poéticos e sensíveis, próprios da natureza feminina. Mas ao mesmo tempo, representa o saber abstrato e lógico, manifestado na produção artesanal, na arte da guerra e no poder institucionalizado, introduzidos pelo princípio masculino e o raciocínio cartesiano.



Na mitologia nórdica, a deusa tríplice do destino é representada pela tríade das Nornes: Urdh, Verdandhi e Skuld, as tecelãs que fiam perto do poço de Urdh, entre as raízes da Yggdrasil, a Árvore do Mundo. A mitologia nórdica é rica em histórias e arquétipos de deusas (Berchta, Holda, Frigga, as Disir e as Akkas) que envolvem o ato de fiar e o tecer, mas o destino era decretado pelas Nornes, que teciam a teia do destino com uma miríade de fios e linhas. Urdh, a mais velha das três e também a mais antiga, estava sentada ao lado de uma fonte, a Fonte de Urdh, onde o próprio Odin ia buscar conselho e conhecimento. Na literatura inglesa, as Nornes são conhecidas como *Weird Sisters* (Irmãs Destino) e entre as deusas celtas as fiandeiras são Arianrhod, Badb, Bean Sidhe, Morrigan e Scatach. As deusas eslavas do destino são as Rodjenice e as fiandeiras astecas são Ixchel, Chalchiuhtlique e Mama Occló.



No Egito, a deusa Net ou Neith, era uma Deusa Primordial e Onipotente, "Aquele que não nasceu, mas gerou a si mesma", cujo culto era envolvido em mistério; ela era homenageada com procissões à luz de tochas como "deusa regente da magia e da tecelagem". Como *Fiandeira Cósmica* ela fiava os fios que se entrelaçavam em infinitas possibilidades, numa teia multidimensional que constituía a estrutura básica de tudo que existe no universo. Por sermos emanações da Deusa Tecelã, todos nós somos constituídos da mesma substância e compartilhamos a essência divina dos fios de Neith.

Como todos os arquétipos da Grande Mãe, as Tecelãs do Destino se apresentavam tanto sob o seu aspecto luminoso e benevolente, como sob o seu aspecto sombrio, terrível. Independentemente da sua origem – greco-romana, egípcia, nórdica, hindu ou nativa, as Senhoras do Destino são sempre Tecelãs, representadas por uma tríade arcaica que existe além do tempo e do espaço fiando,

tecendo e cortando o fio da vida. Na mitologia germânica, as Valquírias, em número de doze, encarnam o aspecto terrível da Fiandeira do Destino. Elas cantam enquanto tecem num tear spectral a morte dos guerreiros no campo de batalhas, tendo o sangue como matéria-prima. Na tradição hindu, a deusa tecelã recebe o nome de Maya; do centro de sua teia, ela não apenas tece a ordem cósmica, mas a reproduz em nosso mundo sensorial de forma tão perfeita, que não distinguimos entre a realidade em si e nossa versão dela. Assim como Maya se posiciona no centro da teia cósmica, cada ser humano percebe a si mesmo como o centro da própria existência, fiando e tecendo sua própria realidade, a partir de um centro do Eu. Mas, ao tecermos nossa própria tessitura, nossa individualidade, não devemos esquecer de que estamos conectados com todos os demais seres da criação, por meio dos fios de que é feita a Grande Teia Cósmica.

A Tecelã é uma imagem arquetípica frequentemente representada na arte e na literatura, especialmente nos contos de fadas e mitos, através de figuras femininas – deusas, fadas, mulheres. Nos contos de fadas encontramos frequentemente o tema e o simbolismo da fiação e da tecelagem. As fadas têm, entre os seus atributos, o dom da tecelagem de tecidos mágicos e invisíveis associados ao destino. Uma lenda europeia fala sobre as fadas protetoras dos bosques que teciam tecidos maravilhosos. Se fossem surpreendidas por algum passageiro à noite, quando iam se banhar, o tecido transformava-se em mortalha. Mas se um homem lhes agradasse, recebia um fio mágico para que não se perdesse na floresta. Percebemos nessa lenda resquícios do mito de Ariadne em sua função de guia, que permite a saída do labirinto / bosque, símbolo do inconsciente, tornando-se bem evidente o duplo caráter benévolo / maligno dessas entidades, herdeiras diretas das fiandeiras míticas.

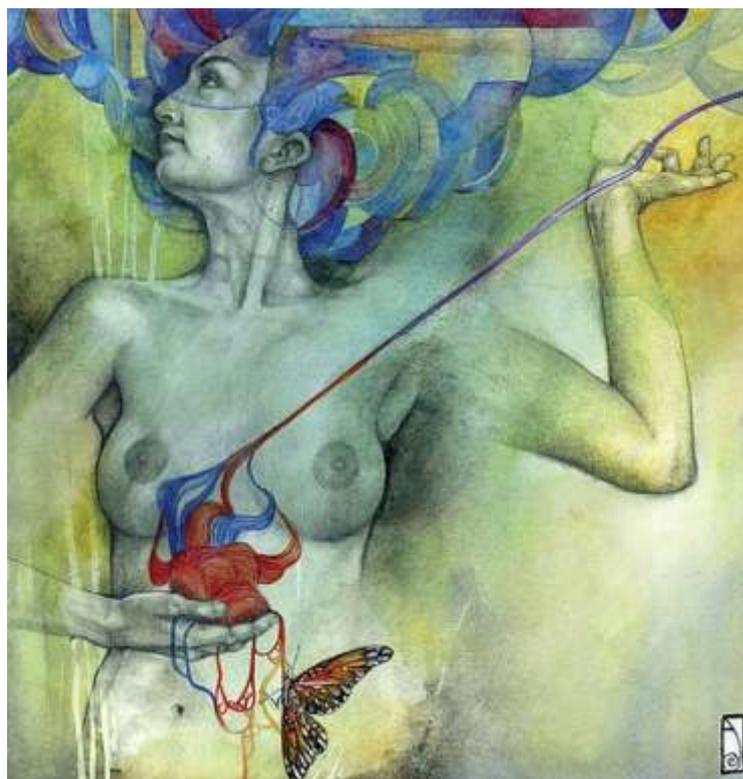
Em várias culturas, a Criadora Cósmica e a Deusa regente da fiação e tecelagem são representadas como aranhas. A aranha é um símbolo lunar, que evoca pela fragilidade de sua teia, uma realidade ilusória, enganadora. Ela partilha com a mulher os atributos de fertilidade e o poder mágico, podendo vaticinar sorte ou azar, ataque ou proteção, amizade ou ataque. Na sua incessante atividade de tecer e matar, a aranha simboliza a alternância de forças que garante a estabilidade do cosmos. Por isso Jung considera a aranha como símbolo do Self que inclui o consciente e o inconsciente.

Entre os índios norte-americanos, “A Mulher Aranha, Avitelin Tsita ou A Mulher Pensamento” é a responsável pela criação e manutenção do universo, fiando e tecendo continuamente a vida. Nessa cultura, as aranhas nunca são mortas, pois seria uma ofensa às Avós ou antepassadas. A Mulher-Aranha possui todo o conhecimento e está em toda a parte. Pode aparecer como uma jovem, uma velha, ou mesmo uma aranha, pode ser vista ou tornar-se leve como o ar. Ela é considerada “A Mãe de Tudo”, que deu vida ao mundo, criando plantas, animais e, finalmente, os seres humanos. Ela possui poderes divinos e sabedoria ilimitada, sabe todas as linguagens e possui dons proféticos. Por sua associação com a terra, na qual ela vive, ela tem as características de uma Deusa da Terra. É velha como tempo, e jovem como a eternidade. “A Mulher Aranha” é a Grande Tecelã, Criadora da teia da vida. Ao misturar a terra com sua saliva, Ela criou fogo, chuva, raios, arco-íris e todos os seres da Terra. Com seus fios, Ela ligou as quatro direções, assim como também ligou a cabeça dos homens (chakra coronário) a si mesma, tecendo a teia do amor e sabedoria. Ao mesmo tempo em que a Mulher Aranha é criadora, Ela também tem a sua face ceifadora, tendo o poder de destruir para a renovação. No mito asteca as aranhas representavam as almas das mulheres guerreiras remanescentes do matriarcado pré-asteca, semelhante às Amazonas. No fim do mundo, elas iam descer do céu nos seus fios prateados e matar todos os homens, como se fossem

Valquírias de oito pernas.

A ligação entre a aranha e a divindade tecelã está presente também na mitologia grega, na história de Aracne, a mortal que desafiou a deusa Athena, a patrona de diferentes artes manuais e criativas, entre elas fiação, tecelagem, bordado e ourivesaria. Aracne era uma jovem de extraordinária habilidade na arte de bordar; seus trabalhos eram tão perfeitos e admirados, que chamavam a atenção de todos, fossem eles ninfas ou camponeses. Devido a tanta admiração de todos, Aracne começou a equiparar-se com a deusa Athena na qualidade de seus trabalhos. Quando a notícia chegou ao Olimpo, Athena ficou furiosa com a petulância da mortal; sentiu-se desafiada e resolveu promover uma competição com Aracne, para ver quem merecia, de fato, ser considerada a melhor na arte de bordar. O povo escolheu o trabalho de Athena e Aracne fugiu para o mato e quis se enforcar. Athena a achou e disse que ela e os descendentes dela, a partir de então, iriam tecer teias ao invés de tecidos e a transformou em uma aranha. Outra versão conta que a Athena rasgou um bordado de Aracne, que por desespero se enforcou. Athena se apiedou da moça e a transformou em aranha, dizendo-lhe para tecer belos bordados. O que suscitou a ira da deusa Athena, além da arrogância daquela mortal, era o tema de sua tapeçaria, a narrativa das aventuras amorosas de Zeus. Athena castigou a sua rival fazendo com que ela se arrependesse e de tão culpada, se enforcasse; mas por piedade ou para que ela pagasse eternamente pela sua arrogância, Athena a transformou numa aranha.

O tear, como símbolo, mantém a ordem cósmica, e sua produção é o fio da vida. Na tradição islâmica, o tear é símbolo da estrutura e do movimento do universo. Nas tradições populares, também se observam ritos que comparam o tecer ao criar vida. Na África do Norte, nas regiões montanhosas, em qualquer choupana humilde há um tear simples: dois rolos de madeira sustentados por dois montantes. O rolo de cima é o rolo do céu e o de baixo, o rolo da terra. Quando o trabalho de tecelagem está pronto, os fios que o prendem são cortados, enquanto se pronuncia a mesma bênção feita pelas parteiras, ao cortar o cordão umbilical dos recém-nascidos. Matéria prima da tecelagem, o fio, e por extensão os nós e laços, estão sempre presentes nos mitos e superstições e são utilizados na medicina popular, nos ritos, nas feitiçarias e como amuletos. Sendo ambivalentes, como todos os símbolos, os nós podem tanto provocar como evitar e curar as doenças, impedir ou



facilitar o parto, trazer ou afastar a morte. Em algumas culturas, o homem não deve usar nenhum nó nos momentos críticos como nascimento, casamento e morte.

No mito e na arte, a tecelagem pode aparecer como uma forma de narrativa. Em culturas de diversos lugares e épocas, os painéis e tapeçarias são não somente ornamentos, mas também documentos, traduzindo, em imagens tecidas, fatos históricos, mitológicos ou cenas da vida cotidiana. Um mito grego exemplifica a tecelagem como narrativa. É a história de Filomena, raptada e violentada por seu cunhado e que também corta a sua língua para impedir que o delate, trancando-a numa torre. Mesmo prisioneira, a moça consegue tecer sua história e faz com que a tapeçaria chegue às mãos de sua irmã que, compreendendo a mensagem, consegue encontrá-la e buscar justiça. O trabalho contínuo de Penélope, tecendo e desfiando, dia e noite, à espera do seu amado, sem jamais completar sua tarefa, tem sido associado, às vezes, à rotina das tarefas domésticas femininas, que não leva a nenhuma realização pessoal, nenhum crescimento psíquico. No entanto, o mito mostra que esse trabalho repetitivo foi uma estratégia escolhida pela heroína, esperando o retorno do marido, numa tentativa de "parar o tempo". O padrão cíclico estabelecido, assim como os ritmos da natureza, revela mais do que uma tática racional, uma profunda conexão com a essência feminina. A sua tão decantada fidelidade, é, acima da lealdade ao marido, uma fidelidade a si mesma, à manutenção da sua autonomia, pois ao tecer e desfiar a tecelagem Penélope mantinha, sob a forma de fio no tear, o controle de sua vida.

Criar pode ser prazeroso, mas o ato da criação, assim como a gestação da ideia ou sentimento pode trazer dor e sofrimento. Mesmo quando esteticamente belas, nossas produções podem denunciar os aspectos mais sombrios de nossa alma. Para criar, é preciso ter coragem, principalmente para destruir o que já é

conhecido e organizado, para buscar novas configurações. No entanto, depois e enquanto fazemos um trabalho criativo, podemos, além de vivenciar o prazer e as dificuldades na sua realização, nos tornar mais conscientes do nosso funcionamento psíquico. Quando não é utilizada adequadamente, a energia psíquica disponível para o desenvolvimento da consciência, para o processo de individuação e para a criação, pode se tornar veículo de sofrimento e destruição.

A natureza feminina é representada pela Grande Mãe primordial, detentora dos poderes de criação e destruição, de morte e vida e Senhora do Destino. Podemos estabelecer uma relação profunda com Ela, a partir do momento em que buscamos o autoconhecimento. Assim, temos a chance de reconhecer os propósitos de nossas vidas, tendo então as Suas bênçãos para tecermos a nossa teia pessoal, ampliando os fios das relações com os outros e com o mundo. Porém, se insistirmos em viver num mundo de ilusões, nos distanciando de nós mesmas, fatalmente a Deusa retificará o nosso destino.

A vivência do arquétipo da Grande Mãe como Tecelã do Destino é extremamente importante para homens e para mulheres. Por seu duplo aspecto, positivo e negativo, tanto pode estimular a enfrentar as dificuldades, como impedir de lutar pela realização de desejos e necessidades. Se o Destino for vivenciado como promissor, pode estimular o investimento de energia para alcançar as metas; mas, se for vivenciado como vazio ou trágico, pode levar à desistência e ao fracasso. Em contraposição a esse aspecto de fatalidade, o Destino pode ser percebido e aceito como resultado das escolhas que vão sendo tomadas ao longo da Vida, do potencial de responsabilidade realizado, ou não. Cada uma de nós pode, sem desafiar a Grande Tecelã, assumir seu pequeno tear individual e fiar, tecer, narrar, mudar e criar sua própria história. ☘

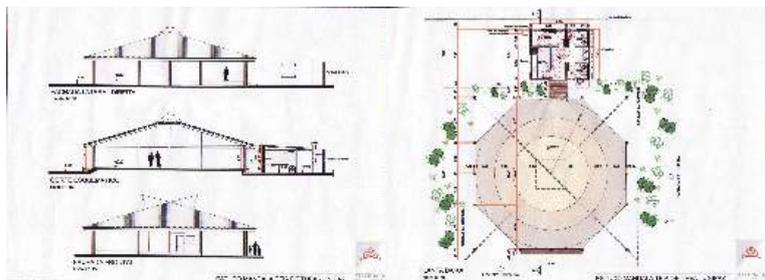


ALCATEIA terá novo templo na UNIPAZ

Construção da nova sede começará em 2013. Clã Lobos do Cerrado realiza Ação entre Amigos com o apoio da Teia de Thea para viabilizar a obra.

A ALCATEIA, associação formada pela Teia de Thea e pelo Clã Lobos do Cerrado, terá sede própria na UNIPAZ. A Universidade Holística cedeu espaço à associação para a construção de um novo templo que abrigará todas as reuniões e atividades da Teia de Thea, círculo de mulheres idealizado por Mirella Faur, e do Clã Lobos do Cerrado, grupo masculino de estudos e práticas xamânicas criado ainda na chácara Remanso por Cláudio Capparelli.

O novo espaço terá um templo octogonal, um palco para danças circulares, além de local para fogueira, rituais, vivências e encontros. Seguindo a tradição da Remanso, o projeto criado pelo Escritório de Arquitetura Fittipaldi foi aprovado pelo Colegiado da UNIPAZ e é resultado de uma parceria entre a Teia de Thea e o Clã. Ter um local fixo para promover os estudos, rituais e práticas da sacralidade feminina e a conexão com as antigas tradições celta e xamânica faz parte dos anseios de Mirella e Cláudio e dos integrantes dos dois grupos, desde a desativação da chácara Remanso e a doação de boa parte do seu acervo para a UNIPAZ.



Para ajudar nas despesas da construção, os Lobos do Cerrado promovem, a partir da primeira semana de janeiro, uma Ação entre Amigos. Serão vendidas rifas que sortearão três prêmios. O primeiro é um iPad mini branco, ainda inédito no Brasil, com capacidade de 32GB, chip A5 e câmera com gravação de vídeo em HD. O segundo prêmio é o kit de maquiagem importado Dior Colour Design Make Up, que contém sombra de olho e contorno, máscara rímel, pincéis, delineadores e mini blush. O kit é ultra compacto e prático para se levar na bolsa. Já o terceiro é o oráculo Transparent Oracle, da autora Emily Carding, disponível apenas nos Estados Unidos. As cartas do oráculo são impressas em plástico transparente que possibilitam a leitura em camadas. Sua linha combina elementos do xamanismo, da astrologia e da magia cerimonial.



"Formalizar a parceria entre a Teia e o Clã - que se iniciou com a criação da ALCATEIA e agora na construção deste espaço sagrado - é a materialização do movimento espiritual criado e plasmado em 1993. A partir de agora este projeto será compartilhado pela UNIPAZ, que abriu seu campus para nos receber, apoiar e abrigar nossas atividades. Com a colaboração de todos, vamos viver em paz!", disseram Mirella e Cláudio.

A criação da ALCATEIA como associação civil sem fins lucrativos em nada interfere nas cerimônias, rituais e agendas dos dois círculos - Teia de Thea e Clã Lobos do Cerrado -, que continuarão com suas atividades de forma independente, permanecendo livres para cumprir com suas missões e propósitos.

Cada rifa será vendida por R\$ 20,00 e os compradores receberão dois números entre 000 e 999 para concorrer aos três prêmios. O sorteio correrá pela Loteria Federal no sábado, dia 16 de fevereiro, de forma que os interessados possam acompanhar. A Teia de Thea publicará o nome dos ganhadores no site (www.teiadethea.org) e quem for sorteado será contatado pelos organizadores da rifa. Para comprá-la e apoiar a ALCATEIA na construção da nova sede, basta procurar as mulheres da Teia de Thea ou ligar para (61) 8115.5028 (Anderson) ou (61) 8177.2407 (Claudio Medeiros).

As Matriarcas das 13 Lunações*

Nesta Edição do Deusa Viva trazemos a canção "Tudo Luz", de Mônica Fonseca**, dedicada à Décima Terceira Lunação: Mãe Guardiã de todos os ciclos de transformação. Aquela que se torna a visão.

Tudo Luz

Luar, me banhar
Mar, me ninar
Tua voz de mansinho
Perto, sempre

Tudo inseparavelmente único
Lua, vida, voz
Não há solidão

Estou inteira no luar que brilha
Estás aqui verdadeiramente em mim



* Para saber mais sobre a Lenda das Matriarcas das 13 Lunações consultar o Anuário da Grande Mãe de Mirella Faur, Editora Gaia, e <http://teiadethea.org/?q=node/44>

** O CD "Treze Luas" pode ser adquirido na entrada dos rituais da Teia de Thea, na UNIPAZ, ou com a própria artista pelo telefone (61) 9602.7126.

NUTRIR

Tradicionais nesta época do ano, as variações são inúmeras, mas o Panetone desta receita é único!*

PANETONE

Ingredientes:

½ kg de farinha de trigo integral
½ kg de farinha de linhaça
3 xícaras e ½ de açúcar mascavo
6 a 8 ovos, as claras em neve
250g de manteiga em temperatura ambiente
Passas, nozes, frutas cristalizadas – 100g de cada
3 colheres de sopa de vinagre e rum para colocar as passas de molho
Canela em pó à vontade
Noz moscada (1/4 da noz)
Cravo moído
3 colheres de sopa rasas de pó royal ou bicarbonato de sódio
Gotas de essência de baunilha
1 pitada de sal

Modo de Fazer:

Amassar a manteiga com as mãos molhadas na água fria. Colocar as gemas, o açúcar e mexer bem. Colocar as claras em neve bem firmes e os outros ingredientes. Por último a farinha e o pó royal. Levar a assar em forma untada sem polvilhar, em forno fraco. Leva mais ou menos uma hora e meia para assar.

* Com a colaboração de Ticiano Imbroisi





SECA EM DEZEMBRO?

Estamos em Dezembro. Não chove há quase uma semana! No quintal, as plantas secam.

Penso logo nos agricultores que plantaram somente há duas semanas. Penso nas sementes recém germinadas, nas pequenas plantinhas surgindo. As raízes ainda pequeninas não estão prontas para buscar a água do fundo da terra. O seu corpinho ainda não acumulou água suficiente para agüentar mais que três ou quatro dias sem chuva. Uma semana sem chover pode ser fatal. Se isso acontecer, todo o esforço e as sementes serão perdidos. E se só havia aquelas sementes? E se não houver mais sementes guardadas para plantar? E se aquela variedade adaptada àquele lugar vem sendo plantada incansavelmente ano após ano há muitas gerações? De repente, uma semana sem chuva faz desaparecer para sempre aquela combinação de genes selecionados durante tantas gerações de plantios e colheitas...

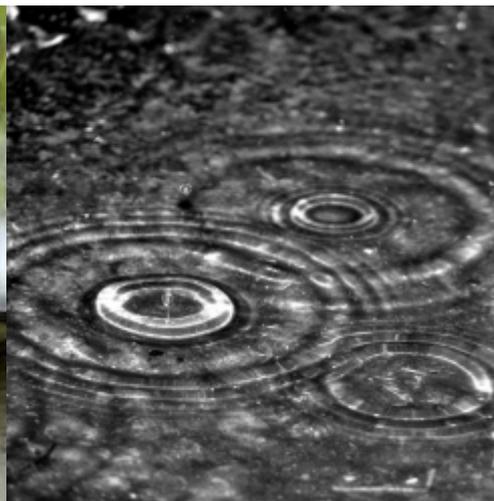
As chuvas começaram tarde esse ano. Um mês mais tarde do que no ano passado. Mas quem plantou, disciplinadamente, na primeira semana de chuvas, no meio de novembro, provavelmente não perderá sua colheita. As plantas talvez sofram um pouco com esse veranico fora de hora, mas com quase um mês e meio crescendo no solo, estarão grandes o suficiente para terem acumulado a água que as manterá vivas durante alguns dias de inesperada seca. As raízes já afundaram no solo e conseguem acessar a água que se acumulou sob a superfície com as primeiras chuvas intensas. Se o solo estiver coberto com matéria orgânica, melhor ainda e maiores as chances de sobrevivência. É nessa hora que um solo coberto faz toda a diferença!

É claro que aqueles que podem ter um sistema de irrigação nada sofrem, mesmo que tenham plantado um pouco mais tarde. Mas quem pode? A agricultura

familiar que cuida das variedades adaptadas localmente ou as empresas rurais que plantam sementes híbridas e transgênicas? Está claro quem mais sofre com as consequências das mudanças do clima? E qual o custo ambiental dos sistemas de irrigação? Quando sabemos que 70% da água potável vêm sendo utilizados para a irrigação dos cultivos e que, aos poucos, os aquíferos superficiais e de sub-superfície vêm sendo aceleradamente esgotados e poluídos, podemos concluir que quem pagará esse custo não é quem irriga hoje, mas sim nossos filhos e netos que não terão água para beber se continuarmos explorando os recursos hídricos da forma como estamos fazendo atualmente.

Conhecer os ciclos da natureza é, há milênios, mais do que necessário. É uma questão de sobrevivência. Quem foi disciplinado e conhece os ciclos da natureza, plantou no meio do mês de novembro. E não plantou todas as sementes que tinha. Quem se atrasou, por um motivo ou por outro, e não dispõe de um sistema de irrigação, está a ver suas plantas morrerem com esse veranico fora de hora.

Há o momento certo de plantar para que a colheita seja abundante. O momento de plantar – literalmente – as roças que nos alimentarão em 2013 coincide, no nosso calendário romano, com o final de um ciclo solar, momento de parada para as festas de fim de ano e, para muitos, momento de tirar férias e descansar. Momento também de plantar nossos sonhos e, mais do que isso, colocar a semente de fato na terra, no momento certo, disciplinadamente, sem adiarmos nenhuma semana. Assim, nenhuma seca inesperada nos pegará de surpresa. Nossas plantinhas já estarão em franco crescimento, forte e resistentes e aguentarão alguns dias de veranico.



Agenda Rituais 2013

27 de janeiro (domingo)

Plenilúnio: Celebração da Deusa babilônica Istar

25 de fevereiro (segunda-feira)

Plenilúnio: Celebração da Deusa Egípcia Nut

20 de março (quarta-feira)

Celebração do Equinócio e Início do Ano Novo Zodiacal –
Aberta também para os homens

27 de março (quarta-feira)

Plenilúnio: Celebração da Deusa hindu da abundância Gauri

25 de abril (quinta-feira)

Plenilúnio: Celebração da Deusa brasileira Cy

30 de abril (terça-feira)

Celebração do Beltane
Aberta também para os homens

25 de maio (sábado)

Plenilúnio: Celebração cigana de Santa Sara

23 de junho (domingo)

Plenilúnio e Solstício: Celebração da Deusa irlandesa Aine –
Povo das Fadas

22 de julho (segunda-feira)

Plenilúnio: Celebração de Maria Madalena

1 de agosto (quinta-feira)

Celebração da Colheita: Lammas
Aberta também para os homens

13 de agosto (terça-feira)

Celebração da Noite de Hécate

20 de agosto (terça-feira)

Plenilúnio: Celebração da Mulher Aranha

22 de setembro (domingo)

Equinócio Celebração do Plenilúnio: Mistério de Eleusis
(Deméter e Perséfone)

18 de outubro (sexta-feira)

Plenilúnio: Celebração das Deusas das Florestas

31 de outubro (quinta-feira)

Samhain: Reverência às Ancestrais

17 de novembro (domingo)

Plenilúnio: Celebração da Deusa nórdica Holda

08 de dezembro (domingo)

Homenagem à Deusa ioruba Oxum

17 de dezembro (terça-feira)

Plenilúnio: Celebração da Deusa romana Ops

21 de dezembro (sábado)

Celebração do Solstício: O Fogo Sagrado da Família
Aberta também para os homens

☆☆☆

Os rituais têm início às 20h e
acontecem na Unipaz - Brasília/DF
Energia de troca R\$ 15,00

Mais informações consultar site da Teia:
www.teiadethea.org ou entrar em contato com:
Nane (61) 9677.9453 ou teiadethea@teiadethea.org



Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

A roda girou mais uma vez e aqui estão, mesclados ao cheiro de baunilha e noz moscada, aqueles pensamentos recorrentes, um balanço do que se passou. É prudente avaliar, aquilatar expectativas, redefinir rotas. Mas há que ter cuidado ao se deparar com o conceito do inexorável.

Muitas vezes, numa estratégia infantil de se justificar diante de insucessos, surge aquele argumento simplista, o lugar-comum já desgastado em credibilidade que afirma: "estava escrito, tinha de ser..." Nesta próxima etapa, experimente algo novo, como compartilhar o leme de sua vida comigo, com consciência e confiança.

Desde o início a humanidade reconhece em mim a fonte, o útero de onde brota toda existência e o colo para onde todos retornam, ao deixarem a estrada vermelha. A extensão do fio da sua vida segue, exata, sua busca de atuação neste jardim. Você se abre para a própria evolução com confiança e afincos, e o fio se estende, propiciando o espaço necessário para tal aprendizado. Entretanto, caso você se acomode em uma curva do caminho, e se deixe enredar pelo descaso, a ilusão e a preguiça de viver, a vida traduz sua opção como uma desistência, encolhendo o fio dourado das possibilidades. Assim é: vou fiando, medindo, contando, mas sempre com amorosa atenção ao seu momento, respeitosamente.

Sendo assim, filha, você pode até argumentar que "estava escrito", mas lembre-se de que sua caligrafia é imprescindível para que a vida possa tecer, medir e contar o fio de sua história!

Em laços de amor,

Aquela que é.



Expediente Jornal Deusa Viva

Coordenação: Nane Silva

Edição e Diagramação:

Cristiane Madeira Ximenes, Paula Nunes e Stella Matta Machado

Textos: Mirella Faur, Helena Maltez, Maria Amaziles e Vera Tanka

Imagens de internet

Informações: www.teiadethea.org

Nane - 96779453 .. Andrea - 34084065

deusaviva@teiadethea.org